

Špánková, Silvie

Literatura de S. Tomé e Príncipe

In: Špánková, Silvie. *Literaturas africanas de língua portuguesa I, Antologia de textos literários*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 117-125

ISBN 978-80-210-6910-7; ISBN 978-80-210-6913-8 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131156>

Access Date: 21. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

4. Literatura de S. Tomé e Príncipe

A literatura santomense como um sistema autónomo liga-se à obra poética de **Marcelo Veiga**, na medida em que recupera a memória coletiva, e sobretudo à obra de **Francisco José Tenreiro**, preocupado substancialmente pela questão da identidade pessoal (enquanto mestiço) e coletiva. Aberto o caminho de semelhante reflexão, surgem outros autores que cultivam a poesia militante. Nestes, destaca-se o nome de **Alda Espírito Santo**. Na literatura contemporânea, sobressai o escritor **Albertino Bragança**.

FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

(1921–1963), considerado o primeiro poeta da Negritude em língua portuguesa, exprime as realidades do mundo negro-africano, o orgulho da raça, ancestralidade e regresso às origens (*Ilha de Nome Santo*, 1942, *Coração em África*, 1977).

EPOPEIA

Não mais a África
da vida livre
e dos gritos agudos de azagaia!
Não mais a África
de rios tumultuosos
– veias entumescidas dum corpo em sangue!

Os brancos abriram clareiras
a tiros de carabina.
Nas clareiras fogos
arroxendo a noite tropical.

Fogos!
milhões de fogos
num terreno em brasa!

Noite de grande lua
e um cântico subito
do porão do navio.
O som das grilhetas
marcando o compasso!

Noite de grande lua
e destino ignorado!...

Foste o homem perdido
em terras estranhas...

No Brasil
ganhaste calo nas costas
nas vastas plantações do café!
No Norte
foste o homem enrodilhado
nas vastas plantações de fumo!

Na calma do descanso nocturno
só a saudade da terra
que ficou do outro lado...
– só as canções bem soluçadas
dum ritmo estranho!...

Os homens do norte
ficaram rasgando
ventres e cavalos
aos homens do sul!

Os homens do norte
estavam cheios
dos ideais maiores
tão grandes
que tudo foi um despropósito!...

Os homens do norte
os mais lúcidos e cheios de ideais
deram-te do que era teu
um pedaço para viveres...
Libéria! Libéria!

Ah!

os homens nas ruas da Libéria
são dollars americanos
ritmicamente deslizando...

Quando cantas nos cabarés
fazendo brilhar o marfim da tua boca
é a África que está chegando!

Quando nas Olimpíadas
corres veloz
é a África que está chegando!

Segue em frente
irmão!
que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!

E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
... para que a tua gargalhada
de novo venha estraçalhar os ares
como gritos agudos de azagaia!

(TENREIRO, Francisco José. “Epopéia”, In TORRES, Francisco Pinheiro (org.).
Novo Cancioneiro. Lisboa: Caminho, 1989, p. 391–393)

ILHA DE NOME SANTO

Terra!
das plantações de cacau de copra de café de coco a perderem-se de vista
que vão morrer numa quebra ritmada
num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo!

Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as costas
dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos
num cadenciar mágico mas humano: capinar sonhar plantar!

Onde as mulheres que têm os braços mais grossos e mais tortos que oca
são negras como o café que colhem depois de torrado
trabalham ao lado de seu homem numa ajuda toda de músculos!

Onde os moleques vêm seus pais no ritmo diário
deixando correr gostosamente pelo queixo quente
o sabor e a seiva húmida do sãfu maduro!

Onde nas notes estreladas
e uma lua redonda como um fruto
os negros as sangués os moleques os caçô
– mesmo o branco e a sua mulata –
vêm no sòcòpé de uma sinhá
ouvir um malandro tocando no violão
cantando ao violão!

E o som fica ecoando pelo mar...

Onde apesar da pólvora que o branco trouxe num navio escuro
onde pesar da espada e duma bandeira multicolor

dizerem poder dizerem força dizerem império de branco
é terra de homens cantando vida que os brancos jamais souberem
é terra do sãfu do sòcòpé da mulata
– ui! fetiche di branco! –
é terra do negro leal forte e valente que nenhum outro!

(TENREIRO, Francisco José. “Ilha de nome santo”, In TORRES,
Francisco Pinheiro (org.), *Novo Cancioneiro*. Lisboa: Caminho, 1989, p. 402–403)

ALDA DO ESPÍRITO SANTO

(1926–2010), poeta e militante política, na sua obra resgata o povo santomense e uma África vista de dentro, não distorcida pelo colonialismo (*O Jogral das Ilhas*, 1976, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, 1978).

DESCENDO O MEU BAIRRO

Eu vou trazer para o palco da vida
pedaços da minha gente,
a fluência quente da minha terra dos trópicos
batida pela nortada do vendaval de Abril.
Eu vou descer a Chácara
subir depois pelos coqueiros do pântano
ao coração do Riboque,
onde o Zé Tintche, tange sua viola
neste findar dum dia de cais
com gentes de longe
na Ponte Velhinha
num dia de passageiros.
E vou subir dum lado a outro da estrada barrenta
com gentes sentadas nos caminhos
vendendo cana, azeite, micóco,
com uma candeia acesa em cada porta
aproveitando o lucro, na gente que desce,
que sobe e desce
com policiais parados,
à espreita da briga certa
neste bairro populoso,
onde nos juntamos à porta
no findar de cada dia.
Vou recordar...
As farras onde se bebe e dança,
os ritmos estuantes da nossa gente,
cabeças juntinhas num ritmo maluco
e a festa linda do Carnaval passado
com “Rosa Branca” tangendo viola
seguido de povo, rindo e cantando
como a gente só topa

no borburinho
do nosso bairro antigo,
onde a agente de carro
passa a ver
o formigar do nosso ritmo estuante,
até no futebol
do grupo bulhento
juntinho ao domingo
na folga da tarde,
juntando gente como milho
a mirar a nossa vida
e a ver,
num vaso oco de barro
escoar o nosso bairro
onde bem lá juntinho ao mato,
passa o sopro dum socopé de gozo
e os ritmos arrepiantes
dum batuque de encomendação
p'lo Mé Zinco
que a vida não ajuda
a descer a ladeira
rumo ao chafariz novo
onde hão-de chover em caudal
a água estuante do nosso bairro Riboquense,
filho da população heterogénea
brotada pela conjuntura
duma miscelânea curiosa
de gentes das áfricas mais díspares,
da África una dos nossos sonhos
de meninos já crescidos.

(SANTO, Alda do Espírito. In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.

Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 454–455)

ALBERTINO BRAGANÇA

(1944), ficcionista e político. Nas suas narrativas apela para a preservação da memória coletiva (colonialismo, situação pós-colonial, transformação da sociedade, usurpação do poder e ditadura), abordando também as relações pessoais (entre pais e filhos, o machismo etc.), bem como as questões da convivência entre a tradição e a modernidade. Na sua obra destacam-se *Rosa do Riboque e Outros Contos*, 1985, *Um Clarão sobre a Baía*, 2005 e *Aurélia do Vento*, 2011.

REENCONTRO

Na solidão da tarde de Outubro, o som ritmado das gotículas de chuva caindo sobre as folhas largas da matabala e a brisa voando, leve, por entre as bananeiras, envolviam o quintal de Fernandinho num ambiente de tranquilidade.

Protegida pelo arvoredado, ao fundo ficava a casa, à qual se chegava por um corredor de pagauês gigantes retorcidos pela idade, cujas folhas se projectavam no espaço em fantasmagóricos arabescos.

Ignorando o espectáculo patético do sol e da chuva em estranho diálogo, crianças entretinham-se catando borboletas que esvoaçavam, assustadas com a caça implacável a que as submetiam. No quintal por detrás da casa, um casal de porcos grunhia no lamaçal do chiqueiro, enquanto alguns cabritos se perseguiram, chocarreiros, cabriolando a cada passo.

A casa, de estilo simples e tradicional, era de madeira e apoiava-se em estacas que a deixavam suspensa a escassos centímetros do solo. As paredes eram de cor indefinida e acusavam a inclemência de sucessivas chuvas e gravanas. Via-se que fora iniciada com certo esmero, pela singeleza de linhas que se adivinhava na sua estrutura. Agora era um casebre quase à beira da ruína, as janelas desprendendo-se das dobradiças e algumas tábuas não garantindo já a devida cobertura. Da escada apenas restavam uns degraus carcomidos e mal seguros, que oscilavam, rabugentos, quando sujeitos a algum peso.

Lá dentro, Ma Dêçu desdobra-se no trabalho caseiro. Emagrecera desde que abandonara a casa do pai, o rosto perdera o bom humor de outrora. Estaria arrependida do passo que dera? Não se lembrava de alguma vez ter posto esta questão a si mesma, mas reconhecia que amadurecera muito com a experiência. Compreendia que a ideia paradisíaca que tinha da vida não era senão fruto de uma infância acarinhada em demasia. Vida que é amor e ódio, alegria e dor, compreensão e impaciência, vividos entre a felicidade e o sofrimento. Na monotonia do trabalho caseiro voava-lhe o tempo nos cuidados com o filho, com os animais de criação e no desbravar do mato que, persistente, procurava entrar pelo quintal dentro.

Numa breve pausa no trabalho sentou-se à varanda, contemplando o mato à sua

frente. Do lugar onde se encontrava, fronteiro à janela, destacava-se a abóbada das copas das árvores imponentes e o emaranhado da vegetação circundante misturando-se com as casas vizinhas, numa combinação de que só a natureza é capaz. Chegava até ela o canto lamuriento das águas da chuva e trazia-lhe, com veemência, o cheiro pungente da terra a ser desventrada.

Relanceou o olhar à sua volta. Só agora reparava na força que vinha do conjunto cerrado e silencioso do arvoredor, como se a mata se preparasse para se defender de um qualquer inimigo invisível.

Desce a noite e a chuva cai de forma intensa, não passando de minúsculos raios cruzando a escuridão a luz fraca que se filtra pelas frinchas das janelas entreabertas.

– Mamã, quando é que papá vem? – pergunta o pequenino Rui, na inocência dos seus dois anos.

– Papá deve estar vir. Como hoje choveu muito, a estrada não está boa e é difícil gente chegar à casa – era mais uma mentira pra entreter a criança, igual a tantas que já inventara. Até porque o filho não estava muito habituado à presença do pai, pois eram raras as vezes em que Dinho chegava antes de ele adormecer.

Má Dêçu tentava compreender a vida do homem, repartindo-se pelo trabalho, pela bisca, pelas mulheres e pelos infalíveis bailes e *matinéés*. . . Sem contar com as intermináveis discussões entre ambos, as ameaças por parte dele. Mas as exceções como o seu pai radicavam nela a certeza de que tudo poderia ser diferente.

Para além do que acontecera, ela lembrava-se do pai sempre com afeição e respeito. Retinha ainda bem vivas as imagens da sua infância: a velha casa juncada de fiá códo qué, fetos e buganvílias silvestres; os atalhos que infestavam o mato e por onde seguia para a aventura sempre renovada dos banhos e da apanha do agrião lá na grotta de Sum Mè Coliá; o deslumbramento que lhe provocavam os aromas cruzados dos arbustos e das árvores gigantes, e a sinfonia do vento enrodilhando-se por entre eles; a voz afável da mamã Milinda – intercedendo amiúde em seu favor, nas vezes em que se deixara estar mais tempo na grotta.

Tudo abandonara impulsionada pela ânsia em seguir por caminhos desconhecidos, longe pela primeira vez da férrea tutela paterna. Optara livremente por descobrir o mundo e descobrir-se e agora teria de vencer essa obstinada vontade de regressar ao lar paterno, esse sentimento de culpa que persistia em tomar conta dela.

– Vida de homem é assim mesmo, comadre. O “qué” que gente pode fazer? Comadre liga eles, comadre é que morre, coisa de mundo fica! – já mais de uma vez lhe dissera, conformada, Sam Potaja, sua comadre de úlulu, mulher de meia-idade, boa pessoa e mãe por nove vezes.

Mas algo lhe segredava que talvez as coisas não devessem ser necessariamente assim ...

(BRAGANÇA, Albertino. “Reencontro”, In *Rosa do Riboque e Outros Contos*.

Lisboa: Caminho, 1997, p. 73–76)